

O NOVO PANORAMA DA CRISE DA POLITICA NO MUNDO DO TRABALHO . Valdir Lemos Rios – Marcos Tadeu Del Roio –
Ciências Sociais – Departamento de Ciências Políticas e Econômicas –
Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus Marília

A globalização, um termo muito discutido atualmente com várias interpretações, um conceito polêmico, utilizado pela mídia para responder mudanças de âmbito nacional e internacional, sem o devido embasamento teórico. Este texto vem contribuir para elucidação dos efeitos trazidos pela globalização no mundo do trabalho. Abordarei temas como sindicato, partidos operários e globalização a partir da década de 80 até os dias atuais. O presente trabalho será apresentado com uma breve explicação sobre globalização e seus reflexos da política no mundo do trabalho.

O que caracteriza a globalização como atual fase do capitalismo é o caráter acelerado dos últimos vinte anos. Os fatores que ocasionaram este processo acelerado é a queda do bloco socialista em 1989-91, proporcionando uma maior expansão do capitalismo nos países do leste Europeu; simultaneamente ocorre uma ascensão das políticas neoliberais no globo, com o pioneirismo no governo de Ronald Reagan nos Estados Unidos e Margaret Thatcher na Inglaterra, com tais políticas há uma intensificação na desregulamentação dos mercados nacionais, facilitando o fluxo de capitais entre os países, portanto ocorre uma globalização financeira/capitalista. Com as políticas neoliberais e a crise do modelo de produção fordista, ocorre uma nova reestruturação produtiva que alcança um nível global, há uma globalização produtiva. Embora a globalização tenha uma maior avalanche nos tempos atuais, o conceito é tratado como forma de unificação do mundo na reflexão da economia política clássica do século XVIII e XIX(Adam Smith e Karl Marx). Então a globalização pode ser entendida como um processo historicamente construído ao longo do século XV, como Capitalismo Mercantil, que atinge uma enorme expansão contemporaneamente, apesar das desigualdades existentes nas relações econômicas, políticas, cultural dos países.

No mundo do trabalho encontra-se um processo de reestruturação econômica capitalista, que se caracteriza como uma nova divisão internacional do trabalho, que é a transferência de indústrias dos países capitalista avançados para a periferia que utiliza mão-de-obra intensiva, com custos reduzidos, além disso os países periféricos não tinham um sindicato forte que tivesse um poder de barganha com os patrões. Em relação à antiga divisão internacional do trabalho baseada num modelo de produção fordista, na

produção em série, na produção de massa, com um único padrão de produto, com uma estrutura de fábrica verticalizada, onde na produção ocorria todo o estágio de um produto, desde a peça de um automóvel passando pela funilaria até a montagem, uma estrutura estagnada, decorrente dos limites alcançado pela sociedade de consumo a partir dos anos 70. Surgiu uma nova reestruturação produtiva, onde a fábrica desempenha um novo papel na produção, que se torna uma fábrica horizontalizada em sua produção, em que a estrutura da fábrica é desterritorializada, que passa a funcionar em âmbito global, ou seja, a produção passa a ser segmentada e distribuída globalmente, com a vantagem de ter uma mão-de-obra mais barata, e menos mobilizada nos países subdesenvolvidos. Alguns autores como Sabel e Piore definem ser “especialização”; Harvey denomina como “acumulação flexível”; Clarke propõem esta nova organização como sendo o fordismo dotado de dimensão flexível; outros autores definem como toyotismo, entretanto não é foco desta pesquisa abordar essas singularidades; no momento importa saber qual o reflexo desta nova organização produtiva nas instituições do movimento operário.

Com uma classe trabalhadora heterogeneizada, de trabalho precário, temporário, subcontratado, com incorporação do trabalho feminino, surgimento das empresas terceirizadas, consequência da fragmentação do processo produtivo, isso causou uma crise no movimento operário, no sindicalismo. Antes dessa nova organização produtiva, o sindicato era limitado há uma categoria profissional, não tinha uma ampliação na agregação de várias categorias ou mesmo entre setores, além disso a luta do sindicalismo se restringia à esfera nacional. Neste novo contexto o sindicato depara-se com novos obstáculos para incorporar outros setores, trabalhadores em condições de trabalho temporário, os desempregados, o trabalho feminino. Portanto o sindicato se encontra em novos dilemas de aglutinação dos trabalhadores, passando da esfera nacional para uma luta conjunta com sindicatos de outros países.

A derrocada do leste Europeu, no final da década de 80, ocasionou um choque nas perspectivas dos partidos operários, em contra-partida a social-democracia que tinha como bandeira uma intervenção do Estado, agora se aliou ao pensamento liberal revestido como neoliberal. Os partidos de esquerda viam o leste Europeu como exemplo a ser alcançado, mas com a abertura dos países de economia planificada, eclodiram as atrocidades cometidas pelo stalinismo; ocorre uma crise nos partidos políticos que tem em sua frente uma crise em fazer uma mobilização, assim como o sindicato. Com a

vitória do bloco capitalista e um projeto hegemônico-político, à esquerda esta sem força para reagir à hegemonia dominante, que se globaliza.